

Nº. 1 - EXTRAORDINÁRIO

Director:

JONADA

Redactor:

XEL

A UNIAO

Maio

de

1928

Defensor da União Cristã da E. P.

lectividade, lugar este que ocupou com muito acerto.

Fez de contra-regra o Snt. Paul Gonçalves, sócio tambem da União, que se portou com todo o aprumo no seu "difícil" papel de "batuquero"...

E agora, caro leitor, aqui termino a minha critica que tu decerto já classificaste como sendo um "palavriado muito fiado", mas que queres?... tem paciencia, e se já estás chateado não tivesses lido até aqui esta "meia-duzia" de...palavras. Corrigé e perdoa algum lapso ou falta que porventura aqui encontres, e desculpa-me a linguagem grotesca que por vezes tive de empregar, mas não sei fazer melhor... E o qu'ha cá...

ALEXANDRE FERNANDES
(X-e-1)

QUEM ES TU?...

Foi este o titulo d'um soneto da minha autoria, nascido d'uma pequena inspiração nervosa; mas, depois de él sair á luz da publicidade apareceram cardos que teem ferido um pouco a minha susceptibilidade. Não fiz referência a alguém, como o Sr. J. Abrantes pensa, porque se esse Sr. se julga ofendido n'esse soneto, procede muito mal e pensa pessimamente. Nem a él nem a ninguém foi esse soneto dirigido, nem seja quem for o pôde dizer, porque não tinham dedicatoria alguma. Respondei pelos meus actos, porque é esse a minha obrigação, e os outros... que façam o mesmo. Tenho dito.

JOSE P. QUINTELA
(Jopequin)

Maio de 1928

da E. P.

O leitor amigo, sa é que o é..., com certeza me desculpará as frases por vezes incompreensíveis que, deserto, irei empregar, mas em virtude de eu não ser magistrado ou doutor de leis, nem tão pouco nouhun "gângaleiro" d'esses que andam pelos banquetes a pregar a... santa política, (Deus permita que a Censura feixe passar isto...), claro está que me não exprimirei com a correção devida, pelo que d'esde já peço mil perdões, e deixoo-lhes ao cuidado de corrigirem os erros que porventura eu tiver, e depois me fazarem o que fôr de inteira justiça. No entanto empregarei os meus precários... recursos políticos, no sentido de que a critica seja feita com a máxima rectidão e imparcialidade, visto que o que vou dizer é unica e simplesmente o que a minha consciência me acusa, e se por acaso não ficarem satisfeitos, não me chamem nomes porque não sou eu que tenho a culpa... Compreendido?

Mas vamos ao qu'importa: - O dia 28 d'Abrial p.p. apresentou-se com uma "carantinha" muito obnóxiva, ou espicolondrifica, como lhe querem chamar, mas nem por isso essa festa deixou de ter a necessária animação e bulício que sempre se encontra em festas d'esta natureza.

A vasta sala onde se realizou o interessante espetáculo estava n'essa dia "au grau complet", e tornou-se impotente para conter as numerosas familias que a elle vieram assistir, entre as quaes destacarei as familias: Nogueira, Daniel, Pires e Pauperio, e ainda muitas outras de igual posição social cujos nomes me não recordo..., estando o sexo feminino largamente representado...

Nota interessante: A entrada era feita por convites dirigidos aos membros da Igreja e sócios da União, de maneira que algumas pessoas que não pertenciam a nenhuma d'estas colectividades encarrapitaram-se nas gradés das ja-

Maio de 1928

nelas e d'ali presenciaram o espectáculo visto não lhes ser permitida a entrada na sala.. Às 21,30 horas dava-se inicio ao espetáculo, principiando-se com a entoação do himno especial expressamente escrito e oferecido á União Cristã pelo Snr. Eduardo Moreira e talentosamente ensaiado pelo Snr. Guilherme Coutinho que não se poupou a esforços no sentido de que esse himno fosse cantado pela primeira vez n'esta festa e como tal a Direcção da União Cristã deixa-lhe aqui consignado o seu maior reconhecimento.

Ah, é verdade, já me esquecia dizer: A esta festa assistiu o meu grande amigo e colega José Pereira Quintela (Jopequin), que assitou o convite que a Direcção da União Cristã lhe dirigiu, não só para a ela assistir, mas também para recitar alguns monólogos e ainda para fazer uma reportagem d'essa festa cujo os leitores já tiveram occasião de apreciar, e que se achava sentado ao fundo da sala em lugares especiais reservados para ele e para a Direcção da União Cristã, fazendo-lhe companhia os colegas: José M. Daniel, J. Duarte e eu.

Depois do himno especial, seguiu-se a representação da comédia em 1 acto "O Pae Adão", desempenhada por: Antônio Monteiro no papel de Jacintho Chagas; Manoel Pinto Correia no papel de Zéca Maneca; Carlos Timoteo no papel de Pae Adão; José M. Daniel no papel de Um Cliente; Margarida Nogueira no papel de Ambrosina; Maria Natalia Pires no papel de Emilia; e ainda cá o rapaz... no papel de Evaristo.

Se atendermos a que alguns personagens que n'ela entraram, pisavam pela primeira vez o palco, desculparemos algumas pequenas "atrapalhações" que ao mesmo tempo serviram de "piada" e que a assistencia quasi não percebeu... No entanto é justo salientar a maneira como a M'lia Natalia desempenhou o papel de

Maio de 1928

"Emilinha", e que, no dizer do colega José Quintela, dava mostras de verdadeira artista, igualando-lhe a M^{lle} Margarida Nogueira, que embora sendo o seu papel um pouco mais pequeno, mostrou ter algum "geitinho..." para comédias. Dos rapazes destacarei: Manoel Fiuza Correia, no papel de "filho atravessado", o qual desempenhou com acerto, e Carlos Timoteo no papel de "grande capitalista", sendo também muito apreciado. Não quero de modo algum esquecer o trabalho de Antonio Monteiro, que embora um pouco infeliz, visto o seu papel ser o mais difícil, provocava de vez em quando algumas risadas. José M. Daniel não teve ocasião de demonstrar n'esta comédia as suas aptidões, em virtude do seu papel ser muito limitado. Quanto ao meu "trabalho" no papel de Evaristo, queiram os que assistiram à representação fazer a fineza de apreciarem, visto que não sei fazer critica a mim mesmo...

A seguir á comédia entra a M^{lle} Maria Catarina que recita a poesia "Saiu agora",atravessando o palco de lado e apregoando: olha "O Primeiro de Janeiro", olha o "Jornal de Notícias", cantando alguns trechos que provocam na assistencia farta risada, saindo lancando de novo ao ar o seu pregão, a qual foi muito aplaudida... sendo deveras interessante o seu trajo de "ardina" irrequieta...

Vem agora o amigo José M. Daniel recitar o monólogo: "Bicho Carpinteiro" que teve certa piada...

Entra tambem cá o rapaz, que recita o monólogo: "Sem graça", que pelo titulo já se vê que não teve graça nenhuma...

Em seguida vem recitar Antonio Monteiro o monólogo: "Uma história", que agradou.

Entra de novo a M^{lle} Catarina com a poesia: "Quem me dera ser rapaz", que é mais uma demonstração da sua graça estonteante...

E cantado em seguida o himno nº. 556 pela me-

Maio de 1928

nina Maria Georgina Pires, acompanhada a côro pelas meninas: Maria do Céu e Maria Nogueira, cantando tôdas e principalmente a menina Maria Georgina Pires, com o sentimento que a sua voz débil fazia vibrar.

Cabe agora a vez á menina Maria Nogueira que recita a poesia: "Felisbelas", sendo ela, e também a sua boneca, muito aplaudidas...

Antonio Monteiro recita o monólogo: "Por um gato ter roubado um... chouriço, recebendo no final muitas palmas..."

Os Snsr. Fausto Saraiva e Francisco Teixeira fazem-se ouvir em alguns trechos de musica em guitarra e violão, que agradaram á assisten-cia.

"Amor e Indiferença", diálogo entre as M^{lles} Maria Catarina e Margarida Nogueira, teve tam-bem o seu "qué" de interessante...

A M^{lle} Maria Natalia Pires canta em seguida o himno nº. 522, que apaixona vivamente a as-sistencia porque ela sube exprimir-lhe a me-lopia e sentimento que êste himno requeria, sendo no final aplaudida com uma retumbante salva de palmas, o que, diga-se de verdade, era de inteira Justica.

José M. Daniel entra novamente para recitar "Os Empeños", monólogo simbolizando uma "char-ge" verdadeira, que foi largamente aplaudido.

Tem agora a sua estreia o meu colega José P. Quintela, que recita o monólogo "Os meus pa-rentes", durante o qual a selecta assistencia teve occasião de rir a bandeiras despregadas, sendo o primeiro passo para a popularidade que êle n'essa noite conquistou.

"Sunambulo", poesia pela M^{lle} Maria Catarina, confirmou as suas belas aptidões para a "scena"...

Novamente é mimoseada a assistencia com al-guns numeros de musica em violão e violino, executados pelos Snsr. Fausto Saraiva e Alva-ro Hora, os quaes conseguiram agradar por completo.

"O Fado da Mouraria", cantado pela M^{lle} Maria Natalia Pires e acompanhada a côro pela menina Maria Georgina Pires e em guitarra pelo Sr. Fausto Saraiva, captivou para os seus interpretes a admiração de todos os assistentes porque conseguiram satisfazer as suas exigências, cantando a M^{lle} Natalia com acerto e correção pelo que lhe valeu ser largamente ovacionada, tendo de visar, o que fez com a mesma correção que empregou a quando da primeira vez.

Como as gargantas estavam n'este momento um pouco cansadas, faz-se um intervalo de 15 minutos para os "artistas" poderem descansar um pouco, e onde o gramofone obsequiosamente cedido pelo Sr. Pires teve ocasião de "reinar", tocando alguns discos muito "bonzinhos"...

Em seguida sou eu que tenho a honra de recitar, recitando o monólogo "Etc, isto é aquilo", que não sei se agradou...

E anunciada a poesia dramática: "Na passagem d'un regimento", recitada pelo amigo e "confrade" José P. Quintela. Faz-se um silêncio sepulcral, próprio da ocasião, e ouvem-se os sons plangentes da marcha Luiz XIV, executada em violão pelo Sr. Fausto Saraiva, enquanto que o amigo Quintela se fazia ouvir com a sua voz sonora e vibrante, que penetrava nos corações de quantos o escutavam, fazendo-lhes a assistência no final uma verdadeira apoteose de saudações que mais aumentaram a sua já célebre popularidade, visto demonstrar fervorosas aptidões para a arte dramática e ao mesmo tempo possuidor d'uma comédia irresistível.

Segue-se-lhe o himno nº. 417, cantado pela M^{lle} Maria Catarina, que foi muito feliz na sua entonação, sendo por esse motivo largamente aplaudida.

Logo em seguida a M^{lle} Maria Natalia Pires recita a poesia "Ritornelo d'amor"; linda e sugestiva poesia, onde por vezes o sentimentalismo é misturado com a alacridade de algumas

frases animadas, sendo justos os aplausos que obteve.

"Dei de olho á prima Quiteria", monólogo por José M. Daniel, onde ele conseguiu reforçar as suas já confirmadas aptidões.

Há um pequeno intervalo para a montagem do "cenário", para o "Auto do Bem Fazer", em verso, desempenhado por: Alexandre Fernandes no papel de "Viandante"; Manoel Pinto Correia no papel de "Indiferença"; Margarida Nogueira no papel de "Bondade"; Maria Natalia Pires no papel de "Sciencia", sendo esse tempo preenchido pela assistência que comentava com agrado os números já representados, ao mesmo tempo que se fazia ouvir o gramofone em novos e interessantes discos que também agradaram aos espectadores.

O "Auto do Bem Fazer", era uma visão de muitos casos idênticos àquele que ali se estava representando, e que, infelizmente, se estão sucedendo por essas terras de Cristo, onde o herói que tanto glorificou a sua pátria, é abandonado e despresado por aqueles a quem, por assim dizer, tinha salvo a vida batalhando por eles no campo tenabroso da luta factídica que o arrastou para o lamaçal da desventura, mas que encontra também almas benignas que o socorem e lhe dão lenitivo aos seus sofrimentos, encorajando-o para sofrer até ao fim com resignação, e que o levam para um hospital, o albergue dos que sofrem, e aí empia o seu "calvário", na certeza de que o está esperando lá no alto o prémio glorioso do seu sofrer n'este mundo de desenganos, e que é a felicidade eterna.

Todos os figurantes do "Auto" se portaram à altura dos seus papéis, apresentando-se em cena com uma caracterização muito correcta, fôcando os personagens com elevado mérito artístico, isto pelo que se ouviu da boca de quantos o presenciaram; não querendo eu destacar

Maio de 1928

ninguem, visto que todos os figurantes encaram os seus papeis com a responsabilidade que elles requeriam, enternecendo a assistencia que escutava atentamente as frases pungentes d'esse “Auto”, deveras sentimental...

Em seguida é representado o dueto “Margarida”, pela M^{lle} Maria Catarina e José M. Daniel, querendo este ultimo um abraço, uma flor e um beijo, obtendo por fim o amôr da interpelada... vá, vá que já não é pouco...

Vai agora a assistencia ter occasião de apreciar mais uma vez a M^{lle} Maria Natalia Pires e a meuniña Maria Georgina Pires, no dueto “Rapaz antigo e rapaz moderno”, acompanhadas a violão pelo Sr. Fausto Saraiva. Este dueto merecia uma critica especial, mas como o palavrão já vai um pouco adeantado, limito-me simplesmente a dizer que apreciei com agrado o trabalho deveras interessante d'estas duas dominadoras de publico exquisito, compartilhando nas homenagens que a assistencia lhes tributou. A gentil “diseuse” Maria Georgina Pires no papel de “Rapaz antigo” revelou uma grande vocação para o palco, assim como a M^{lle} Natalia no papel de “rapaz moderno” mostrou que tem “piada” em papeis masculinos..., recitando as duas com um “â-vontade” muito natural...

Entra outra vez no palco o colega José P. Quintela, que recita o monólogo “Por de cima e por debaixo”, que foi mais uma prova da sua graça esfumante, tendo-o no final a assistencia aplaudido freneticamente.

“Plegaria”, canção moderna pela “tonnadielle” Maria Catarina, acompanhada a cório por um grupo de meninas, agradou á assistencia sobre todas as particularidades que n'esta canção se impunham.

Sou eu que agora vou recitar o monólogo “Uma história”. Não sei se agradou, mas sei que no final ouvi uma meia duzia de palmas que muito me sensibilizaram. Diz a meu respeito o

Maio de 1928

colega José P. Quintela na sua ultima critica: “o que não tinha graça era ele querer mandar em scena um... sopapo ao ponto... Pudera, pois se até aquele “alma de barata” se estava a rir de mim...; o que valeu foi eu lembrar-me a tempo de que tinha ceia combinada, porque de contrário o caso mudaria de figura... Como já tinha previsto o incidente vinha prevenido com um respeitável “pingalim”... e ai d'aquêle que ousasse importunar-me, ai d'âle, porque o resto era só comigo e com o meu “pingalim”...; posso afirmá-lo outra vez: o que lhes valeu foi eu ter a barriga a “dár horas” e safar-me para a ceia combinada, porque também me lembrou a tempo, de contrario outro galo lhes cantaria... na pinha...

Os Srs. Fausto Saraiva e Alvaro Mora executaram n'esta occasião alguns trechos de musica em guitarra e violino, sendo ambos muito apreciados.

É em seguida cantada a canção do “Pescador” pela M^{lle} Maria Natalia Pires, acompanhada a cório por um grupo de “lindas caras”, ficando a assistencia deveras entusiasmada pela parte que diz respeito à M^{lle} Natalia ter cantado com talento e sentimentalismo, sendo uma grande “esperança” para a arte lirica, pelo que foi largamente ovacionada, assim como as mais meninas que faziam parte do cório; e porque me fez a vontade cantando n'esta festa esta canção, d'aqui lhe agradeço a sua amabilidade, e poderá constatar, pelo que se viu, que eu tinha razão em achar esta canção muito linda...

Mais uma bela canção: “Paganini”, pela M^{lle} Maria Catarina, acompanhando em guitarra o Sr. Fausto Saraiva. Esta canção agradou por completo, recebendo no final a M^{lle} Catarina longos e merecidos aplausos.

E agora vai o grande José P. Quintela fechar o spectáculo reditando o monólogo: “Sempre andar”. Quando S. Exa. (não lhe levo nada pe-

"A UNIÃO" - N.º 1 EXTRAORDINÁRIO
Maio de 1928

lo tratamento) aparecer no palco de cartola e... bengala (fa a dizer sócos...), sobrando uns grandes embrulhos que Ele, devido à sua demasiada amabilidade teve de carregar d'ende o Chiado até ali, os espectadores julgaram tratar-se do próprio Charlot em "carne e ossos"... mas não; no entanto pode considerar-se patriôico do Sr. (?) Charlot, visto que conseguiu manter a assistência até final numa gargalhada cerrada com a sua graça hilariante que o guindou ao pedestal da popularidade onde Ele nessa noite foi colocado, saindo pelo palco fóra com as calças na mão e em quatro pés como um cão... A assistência queria que Ele pisasse, mas em virtude do adecentado da hora não lhe pôde fazer a vontade.

E aqui terminou a série dos brilhantes números escolhidos para esta festa, os quais todos foram bem sucedidos, tendo o Exm^o Sr. A. Nogueira agradecido a todas as pessoas que prestaram o seu auxílio ao trabalho dos rapazes..., afirmando que aquela festa tinha decorrido com a vontade que Deus queria: ordem e respeito, muito tempo para isso contribuído a boa conduta dos espectadores.

Depois da assistência ter desbandado, abalemos também nós, "artistas", para as nossas casas com as "trouxas" debaixo do braço, e que dava a impressão de que vinhamos de lavar roupa na "presa redonda"..., assim n'ho afirmaram algumas pessoas amigas que eu encontrei no caminho...

Agora só nos resta agradecer: primeiramente à Digna Junta do Prado pela cedência da sala onde se realizou o espetáculo, em seguida aos Srs. Fausto Saraiva, Francisco Teixeira, Alvaro Hora e José P. Quintela e ainda aos sócios da União Cristã que de bom grado se prestaram a colaborar n'esta festa, e depois a todas as pessoas que nos honraram com a sua presença abrilhantando esta festa que perpetuará nas suas memórias como uma noite de franca e

"A UNIÃO" - N.º 1 EXTRAORDINÁRIO
Maio de 1928

encontro se agradecem
alegre convivência e ao mesmo tempo tiveram ocasião de apreciar as vocações artísticas dos personagens que n'ela tomaram parte. Iguais agradecimentos dirigimos ao Exm^o.

Sr. Augusto Nogueira por facilidades e mais finezas concedidas; ao Exm^o Sr. Pires pela cedência do gramofone; ao Exm^o Sr. Ermelindo Pinheiro Gomes por auxílios prestados; e ainda ao Exm^o Sr. Guilherme Coutinho que ensaiou o hino especial da União Cristã, aos quais os dirigentes da mesma colectividade estavam muitíssimo gratos.

Jamais esquecemos o rasgo deveras generoso que algumas pessoas tiveram para com a União Cristã, querendo contribuir com algumas importâncias para a ajuda das despesas feitas com esta festa, generosidade esta que agradecemos, porque demonstraram um desinteressado amor pela nossa colectividade, e que embora não tivessemos aceitado, nunca podemos nem devemos esquecer.

E agora quero também dedicar algumas palavras ao trabalho arduo e difícil do Exm^o Sr. Silvino d'Almeida na confecção dos "scenários" para esta festa, sendo ele quem ensaiou a "rapsodia" e ao mesmo tempo apontou todos os números, conseguindo, com os enormes esforços dispensados que esta festa resultasse brilhantíssima. A sua obra "scenográfica" embora não sendo de mestre revelou certa queda para "misse-en-sceneur", sendo por isso mesmo elogiado por todos, o que era de Justiça. A Direcção da União Cristã, não querendo de forma alguma deixar esquecer estas habilidades, reforça novamente ao Exm^o Sr. Silvino d'Almeida o seu mais veemente reconhecimento, e oxalá que Ele continue a dedicar-lhe o seu incondicional apoio, porque é mais um amigo de que a União Cristã muito se honra em possuir.

Notas:- Deu-se o lugar de porteiro o sócio da União Sr. Arnaldo M. Daniel, tendo sido para isso convidado pela Direcção da mesma co-